

Breve Apontamento Biográfico

José Rodrigues de Sucena



No 80º. Aniversário do seu

Falecimento – 15.Abril.2005

Conde de Sucena. Quem foi? O que fez? Quando?

Serão perguntas que as próximas gerações farão, ainda que o título de Conde se inscreva no alçado de um monumento ou na frontaria de um hospital. Porque a vida das pessoas, depois da morte, dissolve-se no tempo se não for a história escrita e proferida, a chamá-la à memória.

O Conde de Sucena, provem de um bebé baptizado na igreja de Santa Eulália, em Águeda, a 28 de Abril de 1850, pelo reverendo Joaquim Pereira de Sousa Ribeiro, ao qual foi dado o nome de José, simplesmente [...] nasceu na Borralha, a 13 desse mesmo mês de Abril, e era filho legitimo de António Rodrigues de Sucena e de sua mulher Emília Rosa de Oliveira. Apadrinharam o baptismo um tal Manuel José Gomes, de Alquerubim, e a irmã do neófito, Inês.

A criança, a quem mais tarde foi conferido o sobrenome de Rodrigues de Sucena, num duplicado do de seu pai, cresceu num ambiente modesto, da modesta casa de lavradores, que era a de sua família. Aprendeu a ler porque o Rodrigues de Sucena reservava ao filho um futuro eclesiástico, único meio gratuito, a esse tempo, de o fazer letrado.

Mas o José aos 17 anos, já homenzinho, concluía que a sua vocação não era a do sacerdócio, e implorou ao pai que o deixasse procurar no Brasil o seu futuro. E compreende-se: o “Zé” Sucena estava na puberdade, era másculo, dotado de uma personalidade forte, e visitava-o alguma ambição de poder vir a desfrutar de uma vida melhor do que a de seu pai, homem muito trabalhador, é certo, muito dedicado às lavouras, mas que não deixava nunca de permanecer naquela vida modesta de aldeia, portanto impossibilitado de oferecer ao filho um curso escolar superior, ou uma carreira promissora de negócios.

E com efeito partiu completados que foram 17 anos, levando no bolso recomendação para o negociante Alves Machado, homem de muito crédito e de meios de fortuna na praça do Rio de Janeiro – que veio, aliás, mais tarde a beneficiar do titulo de Conde de Alves Machado.

O moço da Borralha, deixado que foi o vapor marítimo, desceu no Brasil e por lá se envolveu num trabalho árduo, persistente, determinado, o que veio a permitir-lhe, anos depois, em 1872, a ingressar numa casa comercial que se dedicava ao negócio de artigos religiosos.

Bastante experimentado, mas ainda jovem, muito trabalhador, astuto e disciplinado, o José de Sucena conseguiu subir a interessado, e tempo depois, participava na empresa, já na qualidade de sócio.

Mas o da Borralha, não ficaria por aqui. Tempo depois, veio a associar-se, também como sócio, na firma conceituada, denominada *Azevedo & Ramos*, ligada ao mundo do vestuário, onde viria a imprimir aos negócios um ritmo de enorme exceção, a ponto de em 1886, a firma passar a funcionar já sob o seu nome – *J. R. Sucena & Comp^a*..

Este rapaz, pleno de vontade e de determinação, procedeu anos depois, à construção de um vasto edifício de vários pisos, na rua da Quitanga, com esquina para a rua da Alfândega, no centro do Rio de Janeiro, para o desenvolvimento dos negócios de vestuário e de artigos religiosos (com uma vasta capela artisticamente decorada, que mereceu a bênção especial do Papa Leão XIII, por Breve de 10 de Maio de 1892 e autorização para celebração do Santo Sacrifício da Missa) edifício que teve o privilégio da presença do então presidente da República do Brasil, Campos Sales, para a sua inauguração.

Os negócios de J. R. Sucena conheceram uma autêntica explosão. Este eminente empresário deslocava-se frequentemente à Europa, tanto a Roma, onde era recebido pelo Papa, como, e especialmente, a Paris, onde inspirava a sua estratégia comercial de crescimento. Foi assim que decidiu abrir na capital francesa, na rua d'Hauteville, 38, um estabelecimento de vestuário e artigos religiosos.

A sua fortuna crescia, e José Rodrigues de Sucena subsidiava no Brasil muitas instituições religiosas de beneficência, o que era apreciado com louvor no Vaticano. Aliás, Leão XIII, que visitava algumas vezes, distingue-o com a mercê de Cavaleiro de S. Gregório Magno.

Era também comendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, e de Cristo (1904), e foi agraciado por despachos do rei D. Carlos, primeiro com o título de Visconde de Sucena (1899), e depois em 1904, com o de Conde de Sucena.

Já em finais do séc. XIX, José Rodrigues de Sucena, dotado que era de uma alta sensibilidade humana, nas suas deslocações a Portugal, deixava por Águeda e pela Borralha, múltiplos auxílios às populações. Na sequencia dos seus propósitos humanistas, o então Visconde de Sucena tomava posse do cargo de provedor da Santa Casa da Misericórdia de Águeda, a 23 de Agosto de 1899, cargo que manteve até 1910.

Nessa qualidade, levou a cabo, entre outras actividades, a construção de um edifício destinado ao hospital da então vila de Águeda, que ainda hoje subsiste, concluído em 1909, mas que por razões políticas, relacionadas com a implantação da Republica em 1910, somente veio a ser inaugurado em 1922,

Casado com D. Rufina Gomersore, uma distinta senhora, sobrinha do presidente da República do Uruguai, o Conde Sucena fez erguer na sua terra natal, uma vasta propriedade que domina a encosta da Borralha, um magnífico palacete, vestido de enorme parque, com uma artística gruta e ricas abegoarias - hoje lamentavelmente arruinado – que passou a habitar, e onde recebia personalidades ilustres, como o seu amigo, o Bispo-Conde de Coimbra, e outras.

Mas homem de uma tal experiência, relacionamento e fortuna, não poderia confinar-se à provedoria da Santa Casa da Misericórdia. Daí, o chamamento à gestão da Câmara Municipal – cuja residência ocupou de 1905 a 1908, e à Câmara dos Deputados, como deputado, em 1905 [...].

Mas marcantes, no concelho de Águeda e mesmo fora dele, eram as suas benemerências junto das populações locais. Ficaram sem registo ou referencia, centenas de milhares de dádivas. Anotaremos, retiradas da imprensa local, breves apoios:

a ponte para Falgoselhe, em 1907/08, inaugurada naquele último ano com festejos;

ofertas à banda de música de uma farda;

fundação de uma Escola Agrícola Conde de Sucena, na Borralha, e também de uma Escola Agrícola, denominada Condessa de Sucena, em Oliveira de Azeméis, inaugurada em 1906;

livros e cadernos para as escolas;

entrega ao Estado de um conto de réis para a estrada de ligação à Borralha;

múltiplos apoios na freguesia da Trofa, o que justificou a vinda ao palácio da Borralha, da junta de Paróquia e da população a anunciarem-lhe que fora dado o seu nome ao largo do Cruzeiro;

criação da Associação de Socorros Mútuos Conde de Sucena – que mensalmente distribuía subsídios pecuniários, etc. etc..

Muito doente, o Conde de Sucena encarregou o seu amigo íntimo, Dr. António Breda, de lhe fazer o testamento, segundo as suas instruções. Contemplava sobretudo a Misericórdia.

Faleceu a 15 de Abril de 1925, pelas quatro horas da tarde. [...]

Os restos mortais do eminente benemérito, repousam no cemitério do Adro, em Águeda, em Jazigo de família, cuja conservação ficou a cargo da Santa Casa da Misericórdia.

Sucedeu ao 1º Conde de Sucena, seu filho, também José Rodrigues de Sucena, licenciado em direito, nascido no Rio de Janeiro, em Janeiro de 1892 e falecido na Borralha a 29 de Outubro de 1952. Por autorização de D. Manuel II, foi o 2º Conde de Sucena.

O Dr. José Rodrigues de Sucena, era um homem muito culto, devotado sobretudo aos livros, tendo constituído uma enorme biblioteca em Sintra, Fundou o diário Restauração, dirigido por Homem Cristo, filho.

O 2º Conde de Sucena, herdou uma enorme fortuna de seu pai, constituída não só por meios financeiros, mas por valiosas propriedades, entre

as quais o Palácio Foz, em Lisboa, o Palácio de Seteais, em Sintra, e Teatro Éden, em Lisboa.

A gestão de sua enorme fortuna, não lhe terá sido favorável, tendo no final de sua vida conhecido uma situação menos boa, o que não obstou a que revelasse sempre aquele espírito de benemerência que caracterizou seu pai, o 1º Conde de Sucena.

Cf. Sereno, OLAVIO, Breve Apontamento Biográfico, no 80º aniversário do seu falecimento

- Documentos cedidos por Dona Maria Isabel Salgueiro Antunes Neves de Oliveira



Hospital_asilo_sucena_concluido_em_1909



